



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JULIANE GOMES DA SILVA BARBOSA

**AS CONTRADIÇÕES DO ESPAÇO URBANO E A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL
NO BAIRRO DO CATOLÉ: O CASO DA COMUNIDADE DO PRADO,
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

JULIANE GOMES DA SILVA BARBOSA

**AS CONTRADIÇÕES DO ESPAÇO URBANO E A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL
NO BAIRRO DO CATOLÉ: O CASO DA COMUNIDADE DO PRADO,
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador: Prof.Ms. Antônio Pereira Cardoso da Silva Filho

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B239c Barbosa, Juliane Gomes da Silva

As contradições do espaço urbano e a segregação residencial no bairro do Catolé [manuscrito] : o caso da comunidade do Prado, na cidade de Campina Grande - PB / Juliane Gomes da Silva Barbosa. - 2016.

36 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Antônio Pereira Cardoso da Silva Filho, Departamento de Geografia".

1. Espaço urbano 2. Segregação socioespacial 3. Segregação residencial I. Título.

21. ed. CDD 711

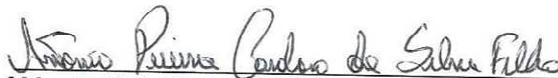
JULIANE GOMES DA SILVA BARBOSA

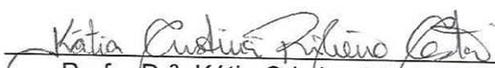
AS CONTRADIÇÕES DO ESPAÇO URBANO E A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL
NO BAIRRO DO CATOLÉ: O CASO DA COMUNIDADE DO PRADO, NA CIDADE
DE CAMPINA GRANDE-PB

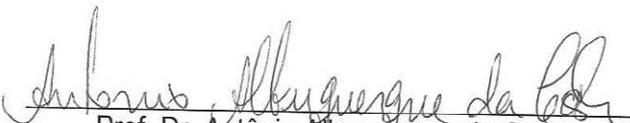
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Licenciatura
Plena de Geografia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do Grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovada em: 28 / 10 / 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Antônio Pereira Cardoso da Silva Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr^a. Kátia Cristina Ribeiro da Costa
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus filhos, ao meu esposo,
à minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo amparo em todos os momentos, principalmente os mais difíceis.

Aos meus pais Ednaldo (*in memoriam*) e Maria, pela educação que me proporcionaram e principalmente pelo amor, carinho e compreensão dispensados a minha criação.

As minhas irmãs, Juciely, Jacilene e Jacicleide (minha companheira de curso) pela irmandade e companheirismo.

A meu esposo, Stherfferson, que além de ser meu companheiro de vida é também meu parceiro nessa jornada acadêmica e que eu amo tanto. Obrigada sempre! Amo-te eternamente.

Aos meus filhos Arthur e Júlio, que já dentro do meu ventre me acompanharam durante certo tempo nessa caminhada e que transformaram minha vida, me tornando uma pessoa melhor. Amo vocês incondicionalmente!!!

As minhas tias Edy e Eunice por toda ajuda desde a minha infância.

A meu tio de coração, Agnildo, que sempre foi um incentivador do meu crescimento profissional, ajudando-me de todas as formas e a quem só tenho a agradecer. Obrigada de Coração.

A meu orientador, o professor Antônio, por ter aceitado me ajudar nessa caminhada e por seu otimismo.

Enfim, a todos que de certa forma contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 07 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 10 |
| | 2.1 O Espaço Geográfico..... | 10 |
| | 2.2 O que é Espaço Urbano?..... | 12 |
| | 2.3 Agentes Produtores do Espaço Urbano..... | 13 |
| | 2.3.1 Os proprietários dos meios de produção..... | 13 |
| | 2.3.2 Os proprietários fundiários..... | 14 |
| | 2.3.3 Os promotores imobiliários..... | 14 |
| | 2.3.4 O Estado..... | 15 |
| | 2.3.5 Os grupos sociais excluídos..... | 15 |
| | 2.4 A Segregação Socioespacial..... | 16 |
| | 2.5 Novas formas de Segregação Socioespacial..... | 17 |
| 3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 19 |
| | 3.1 Tipo de pesquisa..... | 19 |
| | 3.2 Delimitação do campo de estudo..... | 19 |
| | 3.3 Da delimitação da amostra à coleta de informações..... | 20 |
| | 3.4 Procedimentos de análise..... | 21 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 22 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |
| | REFERÊNCIAS..... | 34 |
| | APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA..... | 36 |

RESUMO

BARBOSA, JULIANE GOMES DA SILVA. **AS CONTRADIÇÕES DO ESPAÇO URBANO E A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL NO BAIRRO DO CATOLÉ: O CASO DA COMUNIDADE DO PRADO, NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB.** Artigo (Graduação) UEPB. Campus I, CEDUC. Departamento de Geografia. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande-PB, 2016, 36. p.

A relação do homem com o meio vai se estabelecendo e o espaço vai sendo modificado, tendo como resultado, o espaço urbano. Conforme os agentes vão atuando nesta modificação, cria-se espaços cada vez mais dependentes do modo de produção capitalista. Com isso, a diferenciação entre as classes sociais vai se tornando cada vez mais intensa e a segregação socioespacial vai se concretizando. Neste trabalho, analisou-se uma nova ramificação da segregação socioespacial que é a segregação residencial. A pesquisa buscou analisar as principais contradições socioespaciais no bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande-PB. Para isso foi preciso avaliar os níveis socioeconômicos do bairro, bem como a organização espacial de suas áreas residenciais, compreender as áreas de risco e vulnerabilidade social e entender como a população percebe as implicações sociais desta situação no Bairro. Os procedimentos metodológicos se dividiram em: tipo de pesquisa; delimitação do campo de estudo; da delimitação da amostra à coleta de informações e procedimentos de análise. Os resultados obtidos mostraram que o Bairro está inserido no processo de segregação residencial, possuindo como área de risco e vulnerabilidade, a Comunidade do Prado. O estudo também revelou que na percepção dos moradores desta área, a contradição espacial existente em relação às outras áreas do Bairro, se evidencia por fatores econômicos, pela violência e o acesso à educação. Conclui-se assim, que o espaço de moradia é determinante para a estereotipização de categorias sociais inferiores.

Palavras-chave: Espaço. Segregação Socioespacial. Segregação Residencial.

1. INTRODUÇÃO

O Espaço Geográfico deve ser analisado sob a perspectiva da ligação entre espaço inanimado e espaço vivo, já que só existe Espaço Geográfico se houver a materialização da relação homem-natureza-sociedade. Conforme ocorre a concretização desta relação, cria-se um espaço cada vez mais capitalista.

O Espaço Urbano é construído a partir do modo de produção capitalista, mas também é consequência das relações sociais vivenciadas ao longo da história, sejam essas relações inclusivas ou excludentes. Existindo assim, os agentes produtores do espaço urbano cada um com sua função específica nessa construção.

À proporção que os ambientes urbanos vão sendo criados, a diferenciação de espaços vai se tornando evidente. À medida que as classes mais pobres da sociedade vão aumentando, essas vão sendo compelidas a residirem em localidades cada vez mais afastadas dos grandes centros, ou numa configuração mais rara, ficam isoladas, com áreas mais providas de infraestrutura no seu entorno, o que acaba causando o fenômeno da segregação socioespacial. No modo de produção capitalista, o fenômeno da segregação ocorre devido seu poder de transformar a produção em mercadoria, convertendo o espaço em mercadoria.

Atualmente, com o advento das novas formas de moradia, na qual acabam por ratificar a segregação socioespacial, torna-se necessário compreender como este fenômeno ocorre, conhecendo os principais conceitos vinculados ao tema, de forma a estabelecer a definição de Espaço Geográfico e Espaço Urbano, caracterizando os agentes que produzem o espaço.

Com estas novas formas de segregação em ascensão, o estudo baseia-se na observação *in loco* e principalmente na percepção dos moradores que residem nas áreas que foram apontadas como inseridas no processo de segregação sobre as principais implicações sociais resultantes desta situação contraditória vivenciada na Comunidade do Prado no bairro do Catolé, cidade de Campina Grande-PB.

Elevada à categoria de cidade em 1864, a cidade de Campina Grande, localizada no agreste paraibano, a 130 km da capital João Pessoa, está em crescente evolução urbanística. A urbanização desta cidade tem forte vínculo com suas atividades comerciais desde o início de sua fundação até os dias atuais.

De maneira sincronizada à realidade brasileira, Campina Grande apresenta

problemas como: a falta de planejamento urbano, o crescimento desordenado, a alta valorização do uso do solo e até a violência da cidade contribuíram para a expansão de um fenômeno: a segregação socioespacial.

No que tange as características específicas de Campina Grande, destaca-se o bairro do Catolé. Com a grande valorização do espaço urbano que o bairro vem apresentando ao longo dos anos, acaba por atrair grande parte da população das classes média-alta e alta, por ser um bairro que oferece muitos atrativos, sendo considerado atualmente, um bairro elitizado.

A realização destes tipos de análise acerca do espaço pode contribuir para a ciência, para a sociedade e para a gestão pública. Para a sociedade, pode colaborar de forma que estes compreendam a realidade na qual estão inseridos. No campo científico, a colaboração deste trabalho, pode se dá através da transmissão do conhecimento, servindo de fonte de informação para subsidiar trabalhos futuros nesta área. Já para a gestão pública, pode propiciar uma base de dados para políticas de planejamento urbano.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo geral: analisar as principais contradições socioespaciais no bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande-PB. Já como objetivos específicos destacam-se: avaliar os níveis socioeconômicos do Bairro, bem como a organização espacial de suas áreas residenciais; compreender as áreas de risco e vulnerabilidade socioespacial existentes no perímetro territorial do Bairro e por fim entender como a população percebe as principais implicações resultantes desta situação contraditória vivenciada no Catolé.

A partir destas discussões, ressaltando a realidade urbana de Campina Grande, especificamente do bairro do Catolé surgem alguns questionamentos, dentre os quais destacam-se: De que modo se estabelece a organização espacial de suas áreas residenciais? Quais são as áreas de risco e vulnerabilidade socioespacial existentes no perímetro territorial do Bairro? De que modo a população percebe as principais implicações socioespaciais resultantes desta situação contraditória? Será que em um bairro nobre, considerado residencial, mas que também possui áreas comerciais em crescimento pode ter áreas segregadas inseridas nesse mesmo espaço?

Assim, esta pesquisa está organizada em 3 etapas, além desta introdução e das considerações finais. A primeira etapa trata da fundamentação teórica e está subdividido em 5 partes, a primeira parte conceitua o Espaço Geográfico; a segunda

define o Espaço Urbano; a terceira parte delimita os agentes que produzem o Espaço Urbano; na quarta definiu-se a segregação socioespacial e na última parte abordou-se as novas formas de segregação socioespacial trazendo à tona a questão da segregação residencial. A segunda etapa aponta os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração do artigo e subdivide-se em: tipo de pesquisa; delimitação do campo de estudo; da delimitação da amostra à realização das entrevistas e em análise das informações. E por fim, a terceira etapa traz os resultados e discussão obtidos com a pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.10 Espaço Geográfico

É sabido que desde os primórdios da humanidade, sempre houve alguma forma de relação entre o homem e a natureza. Tratava-se de uma interação involuntária, apenas instintiva. A relação específica que associa o homem a natureza de maneira sistemática só passa a ser estudada a partir da primeira definição de espaço dada pelo filósofo Aristóteles. Para este, o espaço corresponde a “inexistência do vazio”, desconsiderando o nível de influência e determinação do homem para com o meio natural.

Conceituar espaço é algo complexo, haja vista não existir consenso axiomático entre os geógrafos sobre seu real significado. Essa é uma discussão antiga que se enraizou por várias correntes de pensamento. Apesar de atualmente, o conceito ter uma concepção menos estática, passa a ser associado a uma relação capaz de produzir, reproduzir e modificar o meio. Devido a todas as ramificações de significado, podemos ser levados a interpretações dicotômicas, como nos afirma Silva:

[...] A abordagem que eles dispensam ao espaço leva-os, por vezes, a interpretações ambíguas e nebulosas. Na procura do verdadeiro espaço geográfico, reside a investigação sobre o “ser” da geografia. É inegável nos novos estudiosos a preocupação por outros caminhos que deem sentido à cientificidade da geografia. Há uma busca inequívoca de novos métodos e de bases teóricas que conduzam a uma conceituação sólida, a qual caracteriza o campo de qualquer ciência. (1991, p.11).

A partir dos anos 1970, influenciado pela corrente dialética, Santos (2006) indica que o espaço é a materialização da reprodução das relações sociais. Nessa mesma época, os geógrafos críticos tentam fortalecer o objeto da Geografia, uma vez que não há ciência sem um propósito de estudo, e que neste caso é o espaço geográfico. Desta forma, faz-se necessário a análise do espaço geográfico, considerando-o como as ações envolvendo homem- natureza- sociedade, conforme indica Santos:

Sendo o espaço geográfico um conjunto indissociável de objetos e sistemas de ações, sua definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presentes em cada momento histórico. Já que a técnica é também social, pode-se lembrar que sistemas de objetos e sistemas de ações constituem sistemas técnicos, cuja sucessão nos dá a história do espaço geográfico. (2006, p. 226.).

Para analisar o espaço geográfico é necessário entender os elementos que o compõem, sendo estes classificados em naturais (clima, relevo, vegetação, hidrografia, etc.) e humanizados (aqueles resultantes da ação humana). Ao se observar a paisagem de um ambiente, com o intuito de analisar o espaço sob a ótica geográfica, é necessário estabelecer as relações econômicas e sociais existentes, pois trata-se de algo subjetivo. Para Santos (2006), ao explorar a configuração geográfica, faz-se necessário estipular sua existência social, pois a mesma só existe pelas relações sociais que ali habitam.

Deste modo, existe sempre paisagens modificadas conforme essas relações acontecem, inicialmente existindo apenas o espaço natural para que historicamente fosse sendo construído o espaço humanizado, “cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo -a por uma *natureza inteiramente humanizada*” (SANTOS, 2006, p. 39, grifo nosso).

Assim, a partir dessa metamorfose, a qual o espaço geográfico vem sofrendo ao longo dos anos, destaca-se a dialética espaço natural e espaço humanizado, e partindo do pressuposto que o homem é natural, mas também é social, ressalta-se que se trata de um espaço socialmente modificado de acordo com o modo de produção capitalista.

O Espaço Geográfico se revela no modo de produção, e de acordo com Silva (1991), é o modo de produção que alimenta economicamente a sociedade, na qual essas relações tornam-se subalternas a ele. Conforme essas relações se estabelecem intrinsecamente, tem-se a materialização de relações desumanas.

Para Santos (2006), o espaço é indiviso e possui multiplicidades. É a partir dessa diversidade que o espaço se torna contraditório. Paradoxo a partir das relações existentes, como afirma Silva:

Cada momento do espaço é caracterizado pelo entrelaçamento de relações sociais de troca desigual, dos conflitos que estas encerram, de situações diferenciadas da rotação do capital e da contradição entre relações humanas coisificadas e de relações “humanizadas” entre coisas. (1991, p.30).

Deste modo, verifica-se que essas contradições se processam a partir do modo de produção, sendo o homem ora produtor do sistema, ora consumidor, constatando-se assim como principal evidência dessas contradições, o espaço urbano.

2.2 O que é Espaço Urbano?

A urbanização no Brasil se intensificou na década de 50, com o processo de industrialização ganhando força, pois até então se tinha um país predominantemente rural. Mas para entender o espaço urbano é preciso, inicialmente estabelecer a relação entre cidade e urbano, enquanto o primeiro refere-se a uma área onde existe concentração de habitantes, o segundo está relacionado com a vida na cidade, ou seja, para ser urbano é preciso haver ação econômica. Portanto, espaço urbano é aquele produzido economicamente. Para Souza:

As cidades são assentamentos humanos extremamente diversificados, no que se refere às atividades econômicas ali desenvolvidas [...]. A cidade é, sob o ângulo do uso do solo, ou das atividades econômicas que a caracterizam, um espaço de produção não-agrícola (ou seja, manufatureira ou propriamente industrial) e de comércio e oferecimento de serviços.

Mas não é tão fácil estabelecer os limites do espaço urbano, já que a paisagem pode mostrar um aspecto não urbano desse espaço, mas intimamente ali, existe a presença do modo de produção capitalista, que torna esse espaço, urbano. Para Carlos (2013, p.60), “no capitalismo, a produção expande-se espacial e socialmente (no sentido que penetra toda a sociedade), incorporando todas as atividades do homem e redefinindo-se sob a lógica do processo de valorização do capital.”

Assim, espaço urbano é o conjunto de atividades vivenciadas em determinado local, aposicionando casas, edifícios, comércios, práticas sociais, econômicas e culturais. De acordo com Corrêa (1989, p. 08), “estas relações espaciais são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos.”

A partir dessas relações espaciais percebe-se que o espaço urbano é constituído por várias formas de uso de solo, cada uma existindo devido seu caráter de dependência. Essa sujeição pode ser verificada em um espaço que é *fragmentado e articulado*, mas apesar desta condição, existe relações de espaço com todas as outras, mesmo que as proporções variem conforme elas ocorrem. (CORRÊA, 1989).

A cidade, como núcleo urbano, apresenta essas relações espaciais de forma muito intensa, devido a concentração e diversidade econômica e a pluralidade

cultural. Em virtude do sortimento econômico, encontrado nas cidades, estas acabam por experimentar um grande crescimento urbano. Os fatores que influenciam o crescimento urbano são os fatores atrativos, que é o crescimento a partir de oportunidades oferecidas por estas cidades, e os fatores repulsivos que se estabelecem a partir da saída dos trabalhadores do campo devido à modernização. Através desses fatores, verifica-se que o espaço urbano cresce de forma descontrolada, e que foge quase que totalmente do controle do Estado. À proporção que essa expansão urbana ocorre, esta vai sendo consolidada pelos agentes que produzem esse espaço, concretizando as relações sociais e espaciais existentes.

2.3 Agentes Produtores do Espaço Urbano

Ao observar a dialética da paisagem urbana, tem-se de um lado o espaço inerte, construído; do outro, o espaço em movimento, vivenciado. Essa duplicidade apresentada pelo espaço ocorre devido a ação exercida pelos agentes sociais na (re) organização do espaço urbano e que leva a uma produção desigual desse espaço. Ideia essa, constatada pelo que diz Corrêa:

A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade (1989, p. 11).

Assim, para este autor, os agentes responsáveis por essa organização e reorganização espacial são: os proprietários do meio de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

2.3.1 Os proprietários dos meios de produção

Constituído em maior parte pelas indústrias e também pelo comércio, são os grandes consumidores do espaço devido à dimensão de suas atividades, precisam de grandes lotes de terra para se estabelecerem. Essa necessidade de expansão das indústrias acaba por gerar alguns problemas, o primeiro relacionado à

premência de custos baixos na compra de terrenos vastos e o outro, relativo ao aumento dos preços dos imóveis devido a demanda por força de trabalho.

Em busca dessa força de trabalho, essas indústrias geralmente se fixam nas chamadas periferias, distante das zonas nobres das cidades, contribuindo para a produção de um espaço urbano.

2.3.2 Os proprietários fundiários

Os proprietários fundiários são responsáveis pela transformação do valor do uso do solo em mercadoria, devido ao poderio que exercem, principalmente junto ao Poder Executivo, ao manipularem, de certa forma, o investimento em infraestrutura das localidades onde estão inseridas essas glebas. Os proprietários de terra são um dos grandes beneficiários nessa construção, tendo como principal objetivo o retorno econômico que a supervalorização do uso do solo lhes proporciona.

Doravante o crescimento urbano, tem-se a figura dos proprietários fundiários de grande porte, que possuem terrenos muito bem assentados, e ao realizarem o loteamento dessas áreas estão contribuindo para a urbanização de status, e aqueles donos de lotes menores e mais distantes do centro, onde serão utilizados para urbanização popular. (CORRÊA, 1989).

2.3.3 Os promotores imobiliários

Baseado nessa transformação do uso do solo em mercadoria pelos proprietários fundiários, alguns passam a ser também promotores imobiliários, que são aqueles que definem quem vai construir a partir da terra nua e que vai vender; definir o tipo de financiamento que visa a compra e a construção; a efetiva construção e a comercialização. Mas torna-se cada vez mais raro o proprietário fundiário transformar-se em promotores imobiliários, ficando essa função principalmente para grandes comerciantes que pretendem diversificar seus investimentos, indústrias e até mesmo, o próprio Estado. Esses promotores visam cada vez mais o investimento em moradias de status que remuneram sempre mais que as moradias populares.

Na sociedade atual, na qual grande parte da população encontra-se egressa ao desenvolvimento econômico, não é de interesse do modo de produção capitalista

produzir habitações para essa camada, o atrativo para estes promotores do espaço é simplesmente o ganho de capital.

Conforme ocorre essa divisão espacial, segundo os interesses desses agentes produtores do espaço, tem-se cada vez mais uma construção de modo dispar desse espaço, o que muito contribui para a segregação socioespacial.

2.3.4 O Estado

O papel do Estado na construção do espaço urbano é o de controlar como essa urbanização vai ocorrer, através da criação de leis que determinam as normas de uso do solo, com projetos de urbanização e mobilidade urbana. Um dos instrumentos utilizados nessa construção é o Plano Diretor dos Municípios, é ele que vai orientar a atuação da administração pública conjuntamente com a iniciativa privada, estabelecendo ações para a estruturação do espaço urbano visando o desenvolvimento integrado dessas áreas.

Contudo, a atuação do Estado na estruturação urbana, aspirando à acumulação de capital, leva a uma formação desigual desse espaço. À medida que intervém nas localidades dispondo aos moradores destas áreas dessemelhantes, acesso a bens e serviços também de forma diferente, acaba por organizar a segregação socioespacial vivenciada historicamente.

2.3.5 Os grupos sociais excluídos

São os agentes que mais padecem na construção do espaço urbano, refere-se a uma grande parcela da sociedade que vive segregada socioespacialmente. Geralmente são alocados em locais com vários problemas socioespaciais, dentre os quais destacam-se: pouca infraestrutura, moradias precárias, alto índice de desemprego.

Na sociedade capitalista as diferenças sociais se evidenciam a partir do acesso ou não a bens e serviços, e na construção do espaço urbano, os grupos sociais excluídos são cada vez mais obrigados a se distanciarem dos grandes centros.

Quando relegado, esse grupo se torna mais distante das benesses do sistema, sejam estas econômicas, ou até culturais, pois os investimentos públicos

são direcionados para obras de infraestrutura privilegiando o crescimento econômico em detrimento de atender as necessidades sociais desse grupo.

A pobreza não induz somente à exclusão social, mas também suprime qualquer direito de escolha do local de moradia, restando como alternativa para aqueles que não podem pagar por moradias atrativas, residir nas localidades em que se torna possível a construção em terrenos mais baratos e invadidos de forma desordenada, elevando os níveis de favelização.

Assim, os grupos sociais excluídos são meros coadjuvantes na construção do espaço urbano, ao passo que na urbanização a principal preocupação não é a questão da moradia igual para todos, mas apenas o valor de troca, contribuindo para a segregação.

2.4 A segregação socioespacial

A partir da produção do espaço urbano pelos agentes que o produzem, atuando de forma não isolada, vai sendo criado um espaço com diferenciações em suas áreas. Todos os grandes centros urbanos possuem áreas fracionadas.

Essas áreas distintas entre si, mas que compõem o todo, ocorrem devido a própria estrutura urbana das cidades e também ao aumento da população. A partir da estrutura urbana, se instaura o centro, e todo o restante da população vai se estabelecendo em seu entorno, ficando cada vez mais distantes, o que vai contribuindo para a criação de áreas segregadas. *Centro<>Periferia* seria o padrão mais conhecido de segregação, com as classes sociais com maior poder econômico ficando em áreas dotadas de infraestrutura e as classes de menor domínio financeiro permanecendo repelidas às áreas desprovidas da mesma infraestrutura (Sposito,2013).

Mas afinal o que é segregação? Segregação pode ser explicada como a ação e o efeito de separar ou afastar algo ou alguém, mas seu significado é mais complexo, para Sposito:

[...] só cabe a aplicação do conceito de segregação quando as formas de diferenciação levam à separação espacial radical e implicam rompimento, sempre relativo, entre a parte segregada e o conjunto do espaço urbano, dificultando as relações e articulações que movem a vida urbana.(2013, p. 65).

Em vista disto, não é porque em determinado espaço existe algum tipo de

diferenciação ou desigualdade que esse espaço será segregado. Essas diferenciações, sejam elas econômicas, étnicas, sociais, etc., tem que ter reflexo no espaço onde estão inseridas, para que haja de fato um espaço segregado. Analisar-se-á então, a segregação socioespacial, referindo-se às relações sociais e ao espaço concomitantemente.

Inicialmente, de acordo com Sposito (2013), a segregação referia-se às dinâmicas que levavam à separação socioespacial como forma de discriminação social, étnica ou cultural. Posteriormente, com o advento da violência nas grandes cidades, passa-se a “empurrar” os mais pobres para a periferia e aqueles com maior poder econômico tendem a se estabelecer em ambientes residenciais salvaguardados, com muros altos, dispositivos elétricos de segurança, vigilância humana e virtual, fenômeno esse chamado por Souza (2003) de segregação induzida e autossegregação, respectivamente. Ao tratar-se da segregação induzida e da autossegregação, vê-se claramente a dualidade dessa segregação, aquele que segrega e aquele que é segregado – a classe dominante e a classe dominada.

Diante dessa dualidade, a configuração socioespacial das cidades vai se tornando mais complexa, à medida que já não é possível estabelecer onde começa e onde termina esse espaço urbano segregado.

2.5 Novas formas de segregação socioespacial

Com a ampliação dessa forma de ocupação espacial, na qual a classe dominada vai sendo induzida a se estabelecer em áreas periféricas e a classe dominante em espaços residenciais de padrão mais elevado, tem-se o processo de segregação residencial, cujo primeiro conceito foi dado pela Escola de Chicago, como um processo natural (SPOSITO, 2013). Com essa diferenciação na estruturação do espaço urbano vai se formando novas formas de segregação socioespacial, tornando essa estruturação mais complexa, é o caso da segregação residencial.

Segundo Corrêa (1989, p. 61), “a segregação residencial é uma expressão espacial das classes sociais.”. O Estado, como agente produtor do espaço, tem papel fundamental nessa nova estruturação dos espaços segregados juntamente com as classes dominantes, estes quando decidem autossegregar-se, separando-se das demais classes sociais, e àquele a partir do planejamento urbano. Por isso, é

preciso haver a separação de forma contundente entre a autosegregação e a segregação induzida, apesar dessa diferenciação entre as duas formas, uma continua inerente à outra. Quando a parcela da sociedade de elevado nível econômico, decide se segregar, está em busca de melhores formas de morar, procurando lugares que ofereçam condições de moradia compatível com seu poder de compra. Já a parcela de menor poder aquisitivo, que no caso do Brasil, ao contrário de países desenvolvidos, representa a maioria da população, busca ao menos condições decentes de moradia.

O Estado trabalha apenas paliativamente, amenizando a situação em algumas localidades, ao realizar pavimentação das ruas, o saneamento básico, a inserção de creches nesses espaços, deixando-os ainda marginalizadas, mas a paisagem dessas áreas segregadas passou a ser menos disforme.

Souza, em uma de suas obras, expôs a questão da segregação residencial da seguinte forma:

O fenômeno da *segregação residencial* é, sem dúvida, muito geral ao longo da história da urbanização. Quase sempre existiram grupos que, devido à sua pobreza, à sua etnia ou a outro fator eram forçados a viverem em certas áreas (geralmente as menos atraentes e bonitas, menos dotadas de infra-estrutura, mais insalubres etc.), sendo, na prática ou até formalmente, excluídos de certos espaços, reservados para as classes e grupos dominantes da sociedade. (SOUZA, 2003, p.68, grifo do autor).

Analisando as áreas afetadas por essa nova forma de segregação, o que se vê não é apenas discrepância espacial que as torna segregadas e os moradores excluídos, mas grande parte destas pessoas sofre com a mácula de viverem apartados do sistema, tornando-se muitas vezes, obrigados a “esconderem” em qual localidade residem, para não serem hostilizados e sentirem-se incluídos no sistema.

Sendo assim, essa diferenciação tão rigorosa de classes sociais e espaços de moradia, contribui e ratifica a crescente onda de segregação residencial, por esta ser reflexo das relações sociais na economia capitalista, afetando e modificando a paisagem progressivamente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

O processo de pesquisa se deu através de pesquisa qualitativa, por ter caráter investigativo, abre margem para interpretação. “Pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*. O protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade.” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 23, grifo do autor). Trata-se de pesquisa exploratória, na qual será sondada a percepção dos entrevistados acerca do objeto de estudo do presente trabalho.

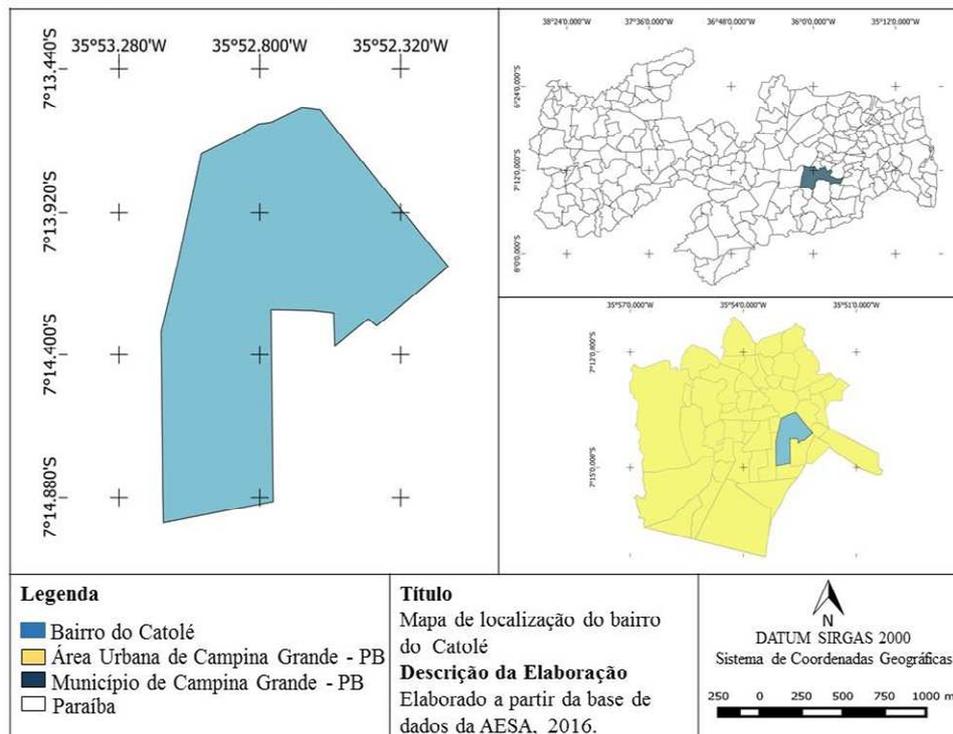
3.2 Delimitação do campo de estudo

O bairro do Catolé está localizado na cidade de Campina Grande PB, distante 130km da capital, João Pessoa. A formação do bairro tem sua origem com o ciclo algodoeiro, que se estabeleceu nas adjacências da estação ferroviária e do antigo curtume (hoje está localizado o Parque da Criança).

Possui segundo dados do IBGE (2010), uma população de 19.554 habitantes. Possui 2,91 km² de área territorial e densidade demográfica de 6719,6 habitantes/km². Detém 5896 domicílios e valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade (Reais): R\$ 1115,62.

Situa-se na zona sudeste, limitando-se ao norte com o Centro, ao sul com os bairros Sandra Cavalcante e Itararé, ao leste com os bairros de José Pinheiro e do Mirante e ao oeste com os bairros da Estação Velha e do Tambor. (Figura 01).

Figura 01: Delimitação do bairro do Catolé, Campina Grande PB



Fonte: BARBOSA, Juliane G.S. (out.2016)

3.3 Da delimitação da amostra à coleta de informações

O presente estudo teve como local de pesquisa a Comunidade do Prado, tendo como critério para definir os entrevistados apenas moradores da localidade. Participaram da pesquisa 05 moradores que se enquadraram no critério de inclusão da pesquisa.

A escolha dos entrevistados se deu através da utilização paralela da amostragem por julgamento e da amostragem aleatória simples (APPOLINÁRIO, 2006). Inicialmente, utilizou-se a amostragem por julgamento para definir as quadras a serem utilizadas na entrevista, neste sentido optou-se por quadras de áreas extremas do território, visto a busca por maior representatividade da área.

Uma vez delimitadas as quadras, utilizou-se a amostragem aleatória simples para definir as ruas e as casas na quais as entrevistas ocorreram. Neste sentido, foram estabelecidos números para cada rua que integra a respectiva quadra, sendo feito o sorteio para definir as ruas utilizadas. Em seguida, após definida a rua, foi realizado o mesmo processo de sorteio para definir a casa participante da entrevista (Figura 02).

De acordo com esses estudiosos, a análise de discurso trata-se de um procedimento de análise amplamente utilizado para a compreensão da percepção social de diferentes indivíduos sobre suas correspondentes realidades.

Esse procedimento, de modo geral, a partir do estabelecimento de ideias centrais e ancoragens do discurso, possibilita ao pesquisador estruturar seus resultados de maneira organizada e sistematizada, ressaltando o rigor metodológico do procedimento. Assim, associando a análise de discurso à realização das entrevistas, foi necessário inicialmente transcrever toda a fala dos entrevistados exatamente como foi colocado no momento de sua realização. Logo após, foram estabelecidos questionamentos base, relativos aos objetivos da pesquisa, associando os diferentes discursos dos entrevistados, sendo estes: 1) O senhor(a) percebe alguma diferença quanto as condições de vida entre a população que mora no bairro do Catolé?; 2) Como a diferença entre as condições de vida do bairro lhe afeta?; 3) Por que o senhor(a) considera que essa área é composta por um grupo de risco?

Deste modo, deu-se início ao processo de categorização, sendo estabelecidas as ideias centrais e ancoragens do discurso que possui um sentido mais amplo (SILVA FILHO, 2013).

Após esses métodos de sistematização e identificação dos discursos, formou-se a base do discurso do sujeito e a partir da definição das ideias centrais e ancoragens se estabeleceu a estrutura do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003).

O método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) preocupa-se com a criação de uma ponte entre o senso comum e o conhecimento científico, analisa os depoimentos dos entrevistados a partir da definição das ideias centrais e ancoragens.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

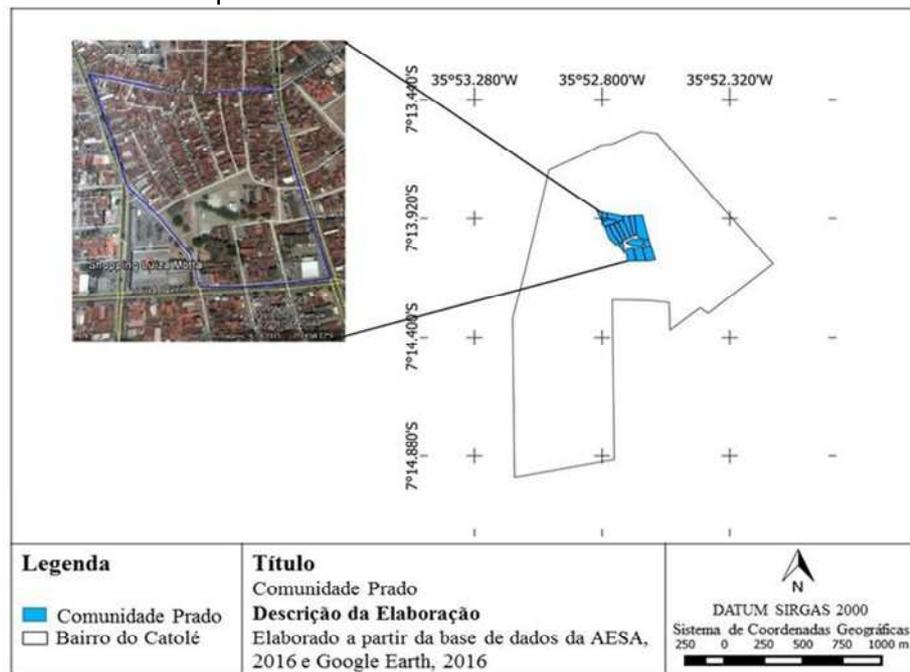
Inicialmente, buscando avaliar os níveis socioeconômicos, bem como a organização espacial das áreas residenciais do bairro do Catolé, constatou-se que a condição socioeconômica verificada a partir, por exemplo, da renda média domiciliar, 1700,00 reais (IBGE, 2010), não corresponde à realidade da totalidade do Bairro. Assim, conforme aponta Alves e Sores (2009), esta não é uma realidade exclusiva

da área de estudo, sendo característica de grande parte dos bairros centrais das médias e grandes cidades.

Retratando a realidade histórica, o bairro do Catolé, em um primeiro momento, foi ocupado por moradias populares, porém, mais recentemente, o que se vê é a formação de áreas residenciais de média e alta classe. A divisão socioeconômica existente no Bairro é ratificada a partir da organização residencial do seu território. Existe, portanto, áreas residenciais distintas que refletem uma gestão e um planejamento urbano totalmente comprometido com os interesses da classe dominante.

Sendo assim, tendo como pressuposto que a organização espacial, quanto à distribuição de recursos e tipos de moradia, é resultado da própria diferenciação econômica da população, destaca-se que o Catolé apresenta uma área específica de segregação residencial, a Comunidade do Prado, sendo esta localidade a dimensão empírica desta pesquisa (Figura 03).

Figura 03: Mapa de localização da Comunidade do Prado no Bairro do Catolé, Campina Grande- PB



Fonte: BARBOSA, Juliane G. S. (out. 2016)

O Prado localiza-se entre as Avenidas Elpídio de Almeida e Vigário Calixto, próximo ao *Shopping Luiza Motta* e entre as ruas Prefeito Francisco Camilo e Curemas II. É formado por travessas e ruas estreitas, sua população é de baixa

renda, possui boa infraestrutura e casas populares, sendo considerada uma área de risco e vulnerabilidade social.

É importante ressaltar que a localização de diversos bens e serviços a exemplo dos *Shoppings Centers* Luiza Motta e Partage e o Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo, além da sua proximidade com o Centro da Cidade, faz com que o Catolé tenha grande atratividade, sobretudo para a população de alta renda. Sendo assim, o Catolé acaba se tornando um cenário caracterizado tanto por áreas residenciais altamente valorizadas pelo capital imobiliário, quanto por uma extensa área desvalorizada, segregada residencialmente, a Comunidade do Prado.

Desta forma, atentando para estas diferenças internas no Bairro, bem como especificamente para as condições socioeconômicas da Comunidade do Prado que destoam da realidade do restante do Catolé, surge várias questões acerca dos níveis de risco e vulnerabilidade social presentes na localidade. Nesta perspectiva, comparando a Comunidade do Prado, como a área segregada do ponto de vista residencial, com outras áreas do Bairro, percebe-se grandes contrastes inicialmente quanto ao tipo de rua e ao tipo de moradia, conforme é possível observar na figura 04.

Figura 04: Distribuição residencial de algumas ruas do bairro do Catolé



Fonte: BARBOSA, Juliane G.S. (out.2016)

A vulnerabilidade social caracteriza a condição dos grupos de indivíduos que estão à margem da sociedade, principalmente na questão socioeconômica. Algumas das características da vulnerabilidade social são as condições precárias de moradias, ausência de educação, tanto familiar como institucional. Assim, o risco está atrelado à vulnerabilidade, pois indivíduos vulneráveis estão mais propensos a correr riscos, sejam estes de natureza salubre ou sociais. Logo, constata-se que a Comunidade do Prado é um local de risco e vulnerabilidade social, uma vez que seus moradores estão à parte, não desfrutam das mesmas condições socioeconômicas que os moradores das outras áreas do Bairro.

Outros elementos associados, por exemplo, à falta de segurança, ao risco de acometimento de diferentes tipos de doença, e principalmente a falta de acesso à educação corrobora para a concretização da situação de segregação vivenciada na Comunidade do Prado, o que compromete diretamente as condições de vida de uma população que se encontra muito próxima territorialmente de uma realidade completamente distinta.

Assim, observa-se a Comunidade do Prado como um território do Catolé que apresenta os piores níveis socioeconômicos e, por conseguinte, as condições de risco e vulnerabilidade sociais mais críticas do Bairro. Este diagnóstico, a priori, explica como as diferenças marcadas pela questão econômica determina a proliferação de um padrão de urbanização segregadora, gerador de diversos problemas sociais movidos pela injustiça e iniquidade. Em um estudo realizado na cidade de Salvador, buscando analisar a territorialização da pobreza, Soares (2009) ressalta a negligência do Estado em relação aos interesses sociais urbanos, visto que o padrão de segregação residencial se inicia na organização do território a partir da dominação das elites e da consolidação de uma diferença nas condições de vida das suas populações, o que se verifica também na realidade pesquisada.

Diante disso, conforme aponta Corrêa (1989) a segregação residencial acaba se tornando um elemento de controle e de reprodução social, causando vários reflexos na realidade urbana a partir da exposição da sua população a violência e a ausência de escolaridade, por exemplo. A dualidade entre o espaço nobre e o segregado, no Catolé, também condiciona ainda mais a situação de risco e vulnerabilidade social à medida que é produzido um status social e um estigma para a população que vive na Comunidade do Prado (espaço segregado).

Nesse sentido, destaca-se a necessidade de um modelo de planejamento capaz de tratar tais questões como uma prioridade, refletindo assim, um desenvolvimento urbano pautado no interesse social.

Após avaliados os níveis socioeconômicos e a distribuição residencial do bairro do Catolé, bem os aspectos de risco e vulnerabilidade social existentes, buscou-se a compreensão da percepção social dos moradores da Comunidade do Prado acerca das questões envolvendo a sua situação de segregação residencial. Para tanto, foi utilizado a análise de discurso como procedimento de análise.

Assim, através das indicações de Lefèvre e Lefèvre (2003) deu-se início a produção do Discurso do Sujeito Coletivo. Nesse processo, derivado da realização de entrevistas estruturadas, conforme descrito na metodologia, foram transcritas todas as falas dos cinco entrevistados para uma matriz base. Na sequência, atentando para o processo de categorização, buscou-se organizar esses discursos a partir de questionamentos centrais associados diretamente ao objetivo proposto. Optou-se também pela eliminação das repetições de ideias nas entrevistas, conforme se observa na ilustração do Quadro 01.

Quadro 01: Matriz inicial de organização das falas dos entrevistados a partir dos questionamentos centrais

| |
|--|
| O senhor(a) percebe alguma diferença quanto as condições de vida entre a população que mora no bairro do Catolé? |
| <i>Tem pessoas que tem mais condições, assim, mais facilidade às coisas do que outras. Tem local que é identificado como melhor do que no local que eu moro, dizem que é de risco.</i> |
| Como a diferença entre as condições de vida do bairro lhe afeta? |
| <i>Um dos grandes fatores é educação. São as condições de vida de algumas crianças que residem ao redor da gente. A educação é muito importante, mas infelizmente aqui temos poucas oportunidades.</i> |
| Por que o senhor(a) considera que essa área é composta por um grupo de risco? |
| <i>Eu me sinto segura aqui nesse setor que eu moro. Com relação ao mosquito da dengue que pode ter esse risco de saúde. O fator segurança pública, você vê que é diferente. Em toda parte há risco, é área de risco, toda parte tem violência. Grupinhos de jovens que são viciados em algum tipo de drogas ilícitas trazem ameaça para essa localidade.</i> |

Fonte: BARBOSA, Juliane G.S. (set.2016)

A partir de então, foi iniciado o processo de identificação das ideias centrais e ancoragens presentes no discurso, visto a necessidade de estruturação da

discussão proposta na pesquisa. Assim, após estabelecida a matriz com os questionamentos base, buscou-se identificar a partir do discurso, as ideias centrais e ancoragens unificando os discursos com mesmo sentido. Logo, ressalta-se que este procedimento se caracteriza essencialmente através da subjetividade do discurso dos moradores da Comunidade do Prado, contendo o próprio discurso proferido, na primeira coluna, as ideias centrais que agrega dois ou mais discursos, na segunda coluna, e por fim, na terceira coluna, as ancoragens que assumem um significado ainda mais amplo que as ideias centrais (Quadro 02).

Quadro 02: Elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo

| 01. O senhor(a) percebe alguma diferença quanto às condições de vida entre a população que mora no bairro do Catolé? | | |
|---|------------------------|-------------------|
| Discurso | Ideias Centrais | Ancoragens |
| <i>Tem pessoas que tem mais condições financeiras que a maioria, mas isso é em todo lugar.</i> | 1. Financeira | 1. Econômica |
| <i>Existem diferenças no acesso a determinadas coisas entre as pessoas.</i> | 2. Acesso | 2. Acessibilidade |
| <i>A diferença existe, é o mesmo bairro, mas tem local que é identificado como melhor do que no local que eu moro, dizem que é de risco.</i> | 3. Condições de risco | 3. Risco |
| <i>Tem muita gente rico, mas também tem gente pobre, sabe?</i> | 1. Financeira | 1. Econômica |
| <i>Tem muita diferença mesmo entre o povo desse bairro, algumas são elite mesmo, enquanto a gente é a parte pobre e carente.</i> | 1. Financeira | |
| 02. Como a diferença entre as condições de vida do bairro lhe afeta? | | |
| <i>Um dos grandes fatores é educação que influencia muito na formação do ser humano e aqui no Catolé tem muita gente que não teve acesso à educação, como eu.</i> | 1. Educação | 1. Educação |

Quadro 02 (Cont.): Elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo

| 02. Como a diferença entre as condições de vida do bairro lhe afeta? | | |
|--|------------------------|--------------------|
| Discurso | Ideias Centrais | Ancoragens |
| <i>Vejo que as crianças tem oportunidades diferentes e isso me afeta demais. As crianças são as que mais sofrem.</i> | 2. Crianças em risco | 2. Grupos de risco |
| <i>Acho que as condições de saúde, o estresse são piores aqui.</i> | 3. Saúde | 3. Saúde |
| <i>Existem pessoas que tem preconceito com quem mora aqui.</i> | 4. Discriminação | 4. Preconceito |
| <i>A violência e o consumo de drogas deixa essa área muito insegura, muita gente é assaltada.</i> | 5. Violência | 5. Violência |
| <i>Existem brigas constantes e assaltos, essa área é abandonada pelo governo.</i> | 5. Violência | |
| <i>A pobreza aqui é alarmante, atrapalha muito o desenvolvimento daqui.</i> | 6. Pobreza | 6. Pobreza |
| <i>Quando a gente diz que mora aqui algumas pessoas pensam que somos bandidos.</i> | 4. Discriminação | 4. Preconceito |
| 03. Por que o senhor(a) considera que essa área é composta por um grupo de risco? | | |
| <i>O fator segurança pública é diferente. O lado financeiro, o tratamento, tudo isso influencia para as pessoas, somos pessoas que vivem em risco.</i> | 1. Insegurança | 1. Violência |
| | 2. Pobreza | 3. Pobreza |
| <i>Não somos assistidos pelo governo, a insegurança é grande. Muitas áreas de risco aqui.</i> | 1. Insegurança | 1. Violência |
| <i>As pessoas não tem dinheiro, vivem quase sem o necessário para comer e pagar as contas.</i> | 2. Pobreza | 2. Pobreza |
| <i>Aqui tem muito beco, casas sem condições.</i> | | |
| <i>Existem grupinhos de jovens que usam drogas e as pessoas tem medo.</i> | 1. Insegurança | 1. Violência |
| <i>As condições de saúde são muito precárias, nem parece que moramos no Catolé. Muita gente com dengue.</i> | 3. Saúde | 3. Saúde |
| <i>Aqui tem muita gente viciada em drogas, isso coloca principalmente a família em risco.</i> | | |

Fonte: BARBOSA, Juliane G.S. (set. 2016)

O primeiro questionamento (O senhor (a) percebe alguma diferença quanto às condições de vida entre a população que mora no bairro do Catolé?) gerou três ideias centrais, sendo elas: a questão financeira, o acesso a bens e serviços e as condições de risco e vulnerabilidade social. Em termos de ancoragens, percebe-se a indicação de três temas: a situação econômica, a acessibilidade e o risco. Tais percepções dos moradores evidencia que existe um entendimento por partes destes acerca das diferenças quanto às condições socioeconômicas vivenciadas no Bairro.

A situação econômica foi perceptível pelos entrevistados através das diferenças, sobretudo, entre as residências e as ruas da maior parte do Bairro com a área da comunidade do Prado. Este entendimento foi o mais ressaltado, pois corresponde a própria disposição dos objetos concretos e visíveis deste espaço urbano, possibilitando a comparação por parte dos moradores das suas áreas de moradia com outras partes do Catolé. Para Carvalho e Sugai (2013) esta realidade é um dos aspectos que mais contribuem para a consolidação da exclusão social e a estigmatização dos moradores que vivem de maneira precária, sem a garantia necessária do atendimento dos seus direitos essenciais e flexibilização de suas condições sociais.

No que tange a acessibilidade, percebe-se que os moradores da Comunidade do Prado reconhecem uma impossibilidade no usufruto de bens e serviços da cidade. A acessibilidade foi ressaltada como um elemento que diferencia esta área do restante do bairro no sentido de não oferecer uma quantidade suficiente de equipamentos urbanos como postos de saúde, postos policiais, assistência social, dentre outros. Nesse sentido, entende-se que a acessibilidade foi destacada pelos moradores, principalmente por meio de uma ausência de oportunidades para o desenvolvimento da sociedade concretizada pela negligência do Estado, situação comprovada também por Macário (2014). O risco foi destacado visto, especialmente, as condições de insegurança presentes na comunidade, o que corresponde a um fato típico da realidade urbana das pequenas, médias e grandes cidades, sobretudo em áreas que passam por algum tipo de segregação, como é o caso da Comunidade do Prado.

Em continuidade, o segundo questionamento (Como a diferença entre as condições de vida do bairro lhe afeta?) gerou seis ideias centrais: educação, crianças em risco, saúde, discriminação, violência e pobreza. Quanto às ancoragens, destacam-se a educação, grupos de risco, saúde, preconceito, violência e pobreza.

Assim, percebe-se que a população entrevistada entende que essa diferença vivenciada a partir da realidade socioeconômica da comunidade reflete diretamente na situação de educação da população, visto que estes sujeitos acabam estando mais propensos a processos que podem culminar no abandono da escola, bem como na ampliação das dificuldades no ingresso, por exemplo, no ensino superior. Além disso, de acordo com Castro, et.al. (2013) é importante ressaltar que jovens de baixa renda, advindos de áreas segregadas, apresentam necessidades materiais e econômicas de ingressarem no mercado, o que inibi a continuidade e conclusão dos estudos.

Os grupos de risco, especificamente crianças, também foram destacados como um fator que afeta as condições de desigualdade vivenciadas na comunidade do Prado. As crianças, nesse contexto, seriam os indivíduos mais afetados, de acordo com a população, por terem seus direitos negligenciados, não tendo as mesmas oportunidades que os indivíduos da mesma e de outras faixas etárias. A indisposição de recursos materiais e imateriais são os principais fatos que determinam tal situação, impedido o desenvolvimento das plenas capacidades e competências das crianças e de outros grupos de risco, como é o caso dos idosos (JANCZURA, 2012).

As condições de saúde, de acordo com as entrevistas, é um dos aspectos mais afetados por essa segregação residencial vivenciada no Catolé. Considerando a saúde em todo a sua complexidade, inclusive a partir da disseminação de doenças e agravos, a Comunidade do Prado apresenta uma realidade crítica. Conforme Almeida Filho (2009) em um de seus estudos, a saúde seria uma importante categoria de análise para avaliar as condições de desigualdade social da comunidade, de modo que são um reflexo direto das próprias condições sociais, políticas, econômicas e culturais. O preconceito, também foi um elemento destacado uma vez que, de acordo com os moradores, em diversas situações da vida cotidiana já passaram por uma situação de constrangimento resultante do seu local de moradia. Este fato é reflexo do estigma desenvolvido em torno da comunidade no qual a população acaba sofrendo discriminação da sociedade por serem associados, muitas vezes, a figura de criminosos, como se morar na Comunidade do Prado fosse crime (SILVA E LEITE, 2007).

A violência foi mais um aspecto ressaltado pela população nesse sentido, de acordo com o que foi falado, os diferentes tipos de violência, que incluem violência

contra a mulher, assaltos e o próprio sentimento de insegurança são elementos que afetam diretamente os moradores. Este problema, também está atrelado à pobreza, último tema gerado para este questionamento, o que acaba maximizando o problema, visto que em decorrência da situação de violência vivenciada na comunidade, a pobreza também passa a ser criminalizada na localidade. Rodrigues (2005) traz uma discussão muito complexa nesse sentido, afirmando que o local de moradia é uma variável mais eficaz que a própria renda para avaliar a associação entre pobreza e violência na cidade.

Por fim, o último questionamento (por que o senhor (a) considera que essa área é composta por um grupo de risco?) gerou três ideias centrais: insegurança, pobreza e saúde. Já enquanto as ancoragens se destacaram a violência, a pobreza e a saúde. Percebe-se que os mesmos temas surgidos no questionamento anterior, também incidiram neste último questionamento. Logo, o que a população considerou como desdobramentos negativos vivenciados a partir da sua área de moradia, também destacaram para justificar sua condição de risco em relação às outras áreas do Bairro.

Nesse sentido, pode-se inferir que a violência, as péssimas condições de saúde e a pobreza são elementos centrais na compreensão do que a população percebe como principais implicações resultantes da segregação residencial que vivenciam.

Vale ressaltar a necessidade de associar dados e informações advindas da realidade concreta e subjetiva para o desenvolvimento de pesquisas que envolvem um objeto tão complexo, quanto à segregação residencial. Assim, além de identificar a Comunidade do Prado, como uma área de segregação residencial do bairro do Catolé, compreender os aspectos de risco e vulnerabilidade, bem como a percepção social de quem vivencia tal realidade são objetivos diferenciados, porém complementares para uma leitura o mais próxima possível da realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que o bairro do Catolé apresenta uma nova forma de segregação socioespacial e possui uma área que dispõe de aspectos de risco e vulnerabilidade social vinculados a questões socioespaciais, a Comunidade do Prado.

No bairro do Catolé o fenômeno da segregação residencial é evidente, e esta forma de segregação está vinculada às classes sociais em seus espaços de (re)produção. Observou-se também, que esta nova forma de segregação, não se manifesta mais a partir da lógica *centro<>periferia*. Entende-se que o que constrange estes moradores não é apenas seu espaço de moradia, mas sua desvalorização como ser humano, devido ao preconceito de carregar o estigma de “favelados”.

A partir deste diagnóstico inicial, essa pesquisa apresenta uma preocupação em relação às condições de vida desta população, uma vez que as ações do poder público no processo de urbanização beneficiam quase que unicamente as classes de maior poder econômico.

Assim, este trabalho é apenas um ensaio na abordagem da segregação residencial desta localidade, apresentando uma possibilidade de continuidade do mesmo, para um outro tipo de análise que possibilite uma compreensão mais aprofundada a respeito do processo de segregação aqui apresentado.

ABSTRACT

BARBOSA, Juliane Gomes da Silva. **THE CONTRADICTIONS OF URBAN SPACE AND THE RESIDENTIAL SEGREGATION IN THE NEIGHBORHOOD OF THE CATOLÉ: THE CASE OF THE COMMUNITY OF THE PRADO, IN THE CITY OF CAMPINA GRANDE-PB.**

The relationship of man with the environment becomes established and the space is being modified, and as a result, the urban space. As the agents will play in this modification, it creates spaces each time more dependent of the capitalist mode of production. With this, the differentiation between the social classes will become increasingly more intense and the social and spatial segregation will materialize. In this work, we assessed a new branch of the social and spatial segregation, which is segregation, residential. The research sought to analyze the major contradictions socioespaciais in the neighborhood of the Catolé, in the city of Campina Grande-PB. For this it was necessary to evaluate the socioeconomic levels of the neighborhood, as well as the spatial organization of their residential areas, understand the areas of risk and social vulnerability and to understand how the population perceives the social implications of this situation in the Neighborhood. The methodological procedures were divided in: type of research; delineation of the field of study; delimitation of the sample to the information collection and analysis procedures The results obtained showed that the Quarter is inserted in the process of segregation of residential, possessing as an area of risk and vulnerability, the Community of the Prado. The study also revealed that in the perception of the residents of this area, the contradiction existing spatial in relation to other areas of the neighborhood, evidenced by economic factors, by the violence and access to education. We conclude, therefore, that the space of housing is a determining factor for the stereotyping of social categories lower.

Keywords: Space.Socio-Spatial Segregation.Residential Segregation.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. **Opinião Pública**, Campinas, v.15, n. 1, jun. 2009.
- APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo. Thomson Learning, 2006.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.
- CARVALHO, André de Souza; SUGAI, Maria Inês. A produção da cidade segregada: o caso de Curitiba. In: **II Simpósio de Estudos Urbanos: A dinâmica das cidades e a produção do espaço**.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- CORRÊA, Roberto Lobato; VASCONCELOS, Pedro de Almeida; PINTAUDI, Silvana Maria (orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 13 set. 2016.
- JANCZURA, Rosane. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 301–308, ago.- dez. 2012.
- LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.
- MACÁRIO, Rosário. A acessibilidade como um bem social e um bem econômico: existe necessidade de uma mudança de paradigma? **Boletim regional, urbano e ambiental**. IPEA, n. 14, p. 177-200, jun.2016.
- RODRIGUES, Rute Imanishi. O lugar dos pobres e a violência na cidade: um estudo para o município de São Paulo. In: XXXIII Encontro Nacional de Economia- ANPEC, 2005, Nata- RN. **Anais do XXXIII Encontro Nacional de Economia- ANPEC**, 2005.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA FILHO, A.P.C. **Influências dos agentes de saúde no desenvolvimento de práticas socioterritoriais no espaço urbano de Campina Grande-PB**. 2013. 82 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso)- Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2013.

SOARES, A.M de C. Cidaderevelada: pobreza urbana em Salvador-BA. **Geografias Artigos Científicos**, Belo Horizonte, p. 83-96, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

**CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Esta entrevista faz parte do trabalho de conclusão de curso – TCC em Geografia, UEPB.

Orientando: Juliane Gomes da Silva Barbosa
Orientador: Prof. Ms. Antônio Cardoso

Título: As Contradições do Espaço Urbano: a segregação residencial no Bairro do Catolé, cidade de Campina Grande-PB

Roteiro de entrevista**IDENTIFICAÇÃO**

| | |
|-------|-------------------------------------|
| Nome: | Sexo: () Masculino () Feminino |
|-------|-------------------------------------|

1. O senhor (a) percebe alguma diferença quanto às condições de vida entre a população que mora no bairro do Catolé?

2. Como a diferença entre as condições de vida do bairro lhe afeta?

3. Por que o senhor(a) considera que essa área é composta por um grupo de risco?
